

O ethos de um legado

The ethos of a legacy

Yuri Andrei Batista SANTOS (USP)
batista.yuriandrei@gmail.com

Recebido em: 10 de set. de 2020.
Aceito em: 12 de out. de 2020.

SANTOS, Yuri Andrei Batista. O ethos de um legado. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 2, e2083, p. 1-19, maio-ago./2021. DOI: 10.22168/2237-6321-22083.

Resumo: No entrecruzamento entre reflexões provenientes das teorias do discurso, de argumentação e da literatura, o objetivo deste trabalho é apresentar uma análise discursivo-argumentativa no paratexto da obra autobiográfica *Em nome dos pais*, de Matheus Leitão (2017), com vistas a analisar traços de sua dimensão argumentativa. Temos por enfoque principal de nossa análise a construção do *ethos* na escrita autobiográfica, considerada em sua relação intrínseca com o auditório social subjacente à situação de interação discursiva descrita. Partimos da premissa de que o *ethos* do autor pode ser apreendido por meio da análise da materialidade linguística em relação com sua dimensão composicional e arquetônica, considerando-se, dessa forma, as condições linguísticas e extralinguísticas circunscritas a determinado dizer. Como marco teórico-metodológico, mobilizamos as reflexões de Amossy (2018) para a análise discursivo-argumentativa e os princípios da metalinguística bakhtiniana, bem como as considerações de Viart e Vercier (2008), Santos e Torga (2020) e Santos (2020) em torno da narrativa de filiação e a materialidade autobiográfica. Observamos, dentre outras coisas, como

o *ethos* desempenha um critério de confiabilidade do relato autocentrado nas margens da escrita autobiográfica e como, no caso específico discutido, o *ethos* enfatiza o legado do qual o narrador é portador.

Palavras-chave: Dimensão argumentativa. Metalinguística bakhtiniana. Autobiografia.

Abstract: In the intertwining of reflections coming from theories of discourse, argumentation and literature, the objective of this work is to present a discursive-argumentative analysis in the paratext of the autobiographical work *Em nome dos pais*, by Matheus Leitão (2017), with a view to analyzing traces of its argumentative dimension. Our main focus of our analysis is the construction of *ethos* in autobiographical writing, considered in its intrinsic relationship with the social auditorium underlying the described situation of discursive interaction. We base our analysis on the premise that the author's *ethos* can be understood through the analysis of linguistic materiality in relation to its compositional and architectural dimension, thus considering the linguistic and extralinguistic conditions circumscribed to a given discourse. As a theoretical-methodological framework, we mobilize Amossy's (2018) reflections for the discursive-argumentative analysis and the principles of Bakhtinian metalinguistics, as well as the considerations of Viart and Vercier (2008), Santos and Torga (2020) and Santos (2020) around the affiliation narrative and autobiographical genre. We observe, among other things, how *ethos* plays a criterion of reliability of self-centered reporting on the margins of autobiographical writing and how, in the specific case discussed, *ethos* emphasizes the legacy of which the narrator is the bearer.

Keywords: Argumentative dimension. Bakhtinian metalinguistics. Autobiography.

2

Introdução¹

A argumentação é atividade presente nas mais diversas formas, campos e esferas da atividade humana. Partimos do pressuposto, então, de que a argumentação não é exercida exclusivamente na constituição de gêneros discursivos que apresentem nos seus elos de relativa estabilidade, uma finalidade persuasiva como motivo da situação de interação discursiva. Assim, gêneros, como o debate escolar, o discurso presidencial e o julgamento, são especificamente dotados do que a partir de Amossy (2018) convém chamar uma *visada argumentativa*, buscando a persuasão de determinado auditório quanto ao reforço de um dado posicionamento. Outros gêneros do discurso podem ser analisados a partir de sua *dimensão argumentativa*, elaborada no intuito de provocar no destinatário presumido formas de sentir e pensar sobre dada questão, relativas a certo ponto de vista. Nesta concepção que discute a argumentação como presente nas distintas formas do discurso, em diferentes gradações, esta distinção entre visada argumentativa e dimensão argumentativa permite, por exemplo, que estudemos traços da dimensão argumentativa que compõem o gênero autobiografia.

¹ O presente artigo é fruto de projeto de pesquisa de doutorado com o financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Número do processo: 2019/02188-3.

No entorno da autobiografia, fica proposto, por meio dos traços de uma linguagem literária, uma situação de interação discursiva em que a narração de acontecimentos que marcaram/marcam o curso de uma dada vida é feita sob a perspectiva daquele sujeito que diz ter vivenciado os acontecimentos narrados. A partir de certas visões acerca das características deste gênero (LEJEUNE, 2014), podemos afirmar que os interlocutores de tal interação pressupõem que a singularidade desse tipo de relato recai sobre a forma única com que autor, narrador e personagem convergem sobre a identidade de um dado sujeito, projetando sobre essa relação de identificação uma ideia de credibilidade para o relato autorreferencial.

Com base na premissa de que a plena identificação na tríade autor, narrador e personagem nas incursões do arco vivencial é inconcebível, como sugere Arfuch (2010), nos é relevante observar estratégias mobilizadas na dimensão argumentativa que podem demarcar a relação de autorreferência estabelecida entre o autor, os acontecimentos de sua vida e como estes são narrados. Nesse sentido, como já proposto desde a Retórica clássica, o *ethos* ou o caráter do orador é tido como uma eficaz prova aristotélica, sendo relevante ponto de garantia da adesão do auditório frente ao seu orador. Consideramos, portanto, de extrema pertinência o estudo da construção do *ethos* na autobiografia e como essa estratégia argumentativa, materializada no discurso, pode efetivar certa relação de credibilidade para o relato autobiográfico frente ao seu auditório social.

Observamos, dessa forma, as manifestações do *ethos* nos elementos paratextuais da obra *Em nome dos pais* de Matheus Leitão (2017), um texto autobiográfico que retrata acontecimentos referentes ao período da Ditadura Militar brasileira, sob a perspectiva do autor em relação às memórias que lhe foram legadas por seus pais no vínculo intergeracional. Dessa forma, a escolha de tal obra como *corpus* deste trabalho, dentre outras coisas, se alinha a sua relevância face à temática que aborda e sua incontestável responsividade com o contexto atual da coletividade brasileira em que o presente artigo é concebido.

As contribuições do presente trabalho, em primeiro plano, se alinham ao proveitoso diálogo teórico-metodológico proposto entre os estudos da argumentação, a teoria dialógica do discurso e os estudos literários. Partindo desse diálogo e com base na expressividade que as narrativas de vida têm ganhado na cena literária contemporânea, visamos contribuir, ainda, com diferentes possibilidades de perceber a relação autorreferente estabelecida no gênero autobiografia.

Nossas orientações teórico-metodológicas, então, advêm dos diálogos entre as considerações de Amossy (2018; 2019) para análise argumentativa do discurso e das reflexões sugeridas pela metalinguística bakhtiniana quanto ao estudo da linguagem (BAKHTIN, 2015). No que concerne à percepção da escrita autobiográfica e da literatura de testemunho, nos baseamos nos postulados de Seligmann-Silva (2000), Viart e Vercier (2008), Santos e Torga (2020) e Santos (2020).

Apresentamos inicialmente algumas considerações acerca da linguagem em perspectiva bakhtiniana para que possamos propor o entrecruzamento dessa perspectiva de estudo da linguagem com noções dos estudos argumentativos, tais quais os conceitos de *ethos* e de auditório social, pensando como a metalinguística bakhtiniana pode consubstanciar sua caracterização na materialidade discursiva. Em outro momento, discutimos de forma específica como os desdobramentos do *ethos* do narrador podem incidir sobre a constituição discursiva do gênero autobiográfico, partindo da análise dos excertos selecionados no paratexto da obra *Em nome dos pais* de Matheus Leitão (2017).

A metalinguística bakhtiniana

Em sua orientação social, a linguagem é materialidade que reveste de sentido o real e os sujeitos que nele se inserem, concomitantemente. As possibilidades de significação são, nessa razão, constituídas na orientação *eu x outro* à luz das condições singulares de cada situação de uso em linguagem. No âmbito da interação discursiva, realidade fundamental da língua para Volóchinov (2017), destaca-se a relevância do contexto na figura da situação social mais imediata e na dimensão social mais ampla, envolvendo as condições linguísticas e extralinguísticas que constituem as diferentes modulações da linguagem. A linguagem existe, portanto, em função de, sendo marcada tanto pelas relações estabelecidas internamente, considerando-se seus possíveis repertórios de formas linguísticas, como pelas relações com variáveis externas à linguagem, tais quais a cultura, a história, o espaço, constitutivas do sentido no referencial de Bakhtin e do Círculo.

Nessa esteira é que surge a metalinguística bakhtiniana (BAKHTIN, 2015). Para este campo, o qual não se confunde com a linguística, mas com ela estabelece uma relação complementar, cabe o estudo do discurso, que para Bakhtin (2015, p. 207) se relaciona com “a língua em sua integridade concreta e viva”. A metalinguística se

peculiariza, nessa leitura, por apresentar um olhar para a linguagem que a contempla considerando não somente seu acabamento linguístico, mas também o arranjo extralinguístico, contextual, situacional que confere à língua, em sua integridade, a concretude e o fator vivencial que lhe são característicos. Trata-se de uma visão sobre a língua que aproxima sua construção e uso do falante e das diversas condições reais em que os interlocutores se encontram no todo da comunicação dialógica, levando em conta, por exemplo, o ponto de vista e a entonação expressiva dos falantes, suas apreciações e avaliação social no uso da linguagem, o contexto da época em que a linguagem é utilizada etc.

Volóchinov (2017) discute a posição do outro alheio e externo como porção interlocutiva necessária que modula o uso em linguagem, numa linha semelhante à que seguem Mikhail Bakhtin e Pavel Medviédev, todos membros do reconhecido “Círculo de Bakhtin”. O estudioso propõe que, mesmo na ausência de um outro físico, tomamos um destinatário presumido na interação, aquele que pode ser representado por uma voz coletiva virtual, construída a partir das relações sociais prévias de determinado falante. A esse ponto também fica exposta a bilateralidade da palavra, sua dupla determinação: a influência daquele que fala e a influência daquele a quem se fala, uma vez que, como propõe Bakhtin:

Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro[...] nenhum dos acontecimentos humanos se desenvolve nem se resolve no âmbito de uma consciência. [...]Uma só consciência é um *contradictio in adjecto*. A consciência é essencialmente plural. *Pluralia tantum*. (BAKHTIN, 2011, p. 341-342, grifos do autor).

Não podemos nos furtar de pensar a forma com que Bakhtin abre espaço para que consideremos que o sujeito se constitui como tal na tônica das diferentes formas relativamente estáveis que os usos da linguagem podem assumir, aqui pensando a relação intrínseca entre os conceitos de enunciado concreto e gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016). O sujeito toma consciência de si no seio dos distintos usos da linguagem tendo em conta a singularidade das posições dos interlocutores em contato numa dada situação de interação discursiva. Observando as considerações de Bakhtin (2011) no texto “O autor e a personagem na atividade estética”, podem-se observar algumas reflexões que facilitam a apreensão desse processo de tomada de consciência do sujeito, aqui reiteráveis pelos termos *outro-para-mim / eu-para-o-outro / eu-para-mim*. A proposta de elaboração bakhtiniana compreende a posição que o

outro ocupa e como ele se posiciona ante a mim, tal compreensão passa a condicionar, por meio da linguagem, a minha própria concepção de quem sou, meu agir e posicionamento no mundo.

Após a ênfase atribuída para as feições sociais que caracterizam a linguagem e o discurso nos postulados de Bakhtin e do Círculo, discutiremos as noções de *ethos* e auditório social, de extrema relevância para a análise discursivo-argumentativa aqui estabelecida. Para tal fim, construiremos breve percurso com as leituras destas noções a partir de diferentes referenciais dos estudos em argumentação, nos apoiando sobretudo em Ruth Amossy (2018; 2019) que propõe reflexões em torno de uma análise argumentativa do discurso.

Ethos e auditório social na situacionalidade do dizer

Colocando-nos sob uma perspectiva discursivo-argumentativa, semelhantemente à endossada por Amossy (2018), primeiro consideramos que a argumentação está presente em diferentes graus nas mais diversas formas de interação humana. Nesse sentido, é possível pensar em duas grandes distinções para o uso da palavra num enfoque que intercala argumentação e discurso. Como coloca Amossy (2018, p. 7, grifos da autora):

O uso da palavra está, necessariamente, ligado à questão da eficácia. [...] o discurso procura sempre produzir um impacto sobre seu público. Esforça-se, frequentemente, para fazê-lo aderir a uma tese: ele possui, então, uma *visada* argumentativa. Mas o discurso também pode, mais modestamente, procurar modificar a orientação dos modos de ver e de sentir: nesse caso, ele possui uma *dimensão* argumentativa.

Pensando na ótica dos gêneros discursivos, alguns tipos específicos de formas da linguagem subentendem o convencimento, a persuasão de determinado destinatário presumido (em termos retóricos, um auditório social) para quem se destina a atividade argumentativa, a saber, em gêneros, como o julgamento, o debate político etc. Em tais gêneros, a atividade argumentativa é comumente percebida através da percepção da visada argumentativa. A dimensão argumentativa, por sua vez, é frequentemente destacada em gêneros cuja elaboração tende a uma partilha quanto à determinada visão de mundo ou forma de sentir, o caso de uma conversa cotidiana, uma carta e, como veremos a seguir, um texto autobiográfico. A consideração da dimensão argumentativa permite observar em gêneros diversos como a eficácia na partilha

social entre os interlocutores é estabelecida, refletindo a forma com que a atividade argumentativa, em suas distintas gradações, se constrói discursivamente para induzir e provocar ante a determinado auditório social as mais diversas possibilidades de sentido.

Se pensarmos no âmbito das teorias da argumentação, desde a retórica clássica, o *ethos* trata do caráter de quem argumenta e de sua credibilidade ou da ausência dela. Ao que também discute Amossy (2019), em termos retóricos podemos dizer que todo discurso dá margem a certa imagem de si que não é dissociável da força do seu impacto. A credibilidade que envolve a imagem do argumentador não é, justamente, um necessário produto de intencionalidade, ela precede o próprio argumentador e pode ser depreendida em marcas de linguagem na materialidade em questão.

Considerando as contribuições de outros teóricos, como Maingueneau, Ducrot e a já mencionada Amossy, Plantin (2008) reúne e discute três formas de possível percepção do *ethos* no discurso do argumentador. A primeira delas retoma contextos de interação discursiva anteriores à situação interacional em curso, funcionando como uma reputação do falante construída discursivamente. Concebida como *ethos prévio*, esta percepção do *ethos* é relacionável com as feições institucionais daquele que fala e com as funções e posições que o sujeito possui num determinado campo, sendo capazes de respaldar certas expectativas no auditório que influenciam a interação em questão.

A segunda forma, o *ethos discursivo*, envolve a imagem do argumentador que se pode construir ou reconstituir tendo por base os dados da comunicação concreta em que estão compreendidos os interlocutores. De forma resumida, Amossy (2018) destaca que o *ethos* discursivo se alinha à imagem que o argumentador deixa impressa na constituição de seu discurso, que não necessariamente se materializa sob a forma de declarações autorreferentes, mas que, independentemente disso, denota um determinado sujeito, seu ângulo de visão e sua posição singular no vir-a-ser. Tal consideração, que se aproxima do que discute Bakhtin (BAJTIN, 1997) em relação ao sujeito como um centro ativo de valor, fica contemplada em Amossy (2019, p. 9), quando considera a apresentação de si nas margens do discurso, a saber:

[...] deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. Que a maneira de dizer induz a uma imagem que facilita, ou mesmo condiciona a boa realização do projeto, é algo que ninguém pode ignorar sem arcar com as consequências [...] A apresentação de si não se limita a uma

técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais.

A terceira forma do *ethos*, segundo Plantin (2008), é perceptível na tematização de certas características ou condições do próprio orador nas margens de seu discurso. Nesse ponto, percebe-se a construção de uma imagem de si que reflete certas estratégias argumentativas mobilizadas pelos argumentadores para provocar reações no auditório em questão, conforme estudos de caso destacados por Amossy (2018), buscando a adesão do auditório em torno de dada proposição.

O sujeito que coabita socialmente não pode se eximir de adotar uma atitude responsável frente ao dizer que circula no âmbito das atividades humanas com a linguagem em que toma parte. A consideração do papel do outro na interação, do auditório social, como podemos relacionar num possível diálogo entre Volóchinov (2017) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), enfatiza a orientação social que dá pulso à linguagem em sua heterogeneidade e, de igual forma, sua situacionalidade em face do contexto externo subjacente. Em uma linha semelhante ao que sugere Volóchinov (2017), estes estudiosos franceses enfatizam a adaptação do orador frente ao destinatário como condição que garante a eficácia da atividade argumentativa. Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) sugerem que o auditório a dimensionar a situação de interação pode retomar uma única pessoa, um grupo de pessoas, o próprio argumentador ou mesmo uma voz coletiva mais ampla e generalizada, o auditório universal.

Com base nesse diálogo que entrevê a orientação social do discurso, quando tencionado pelas lentes da metalinguística bakhtiniana, o *ethos* revela a integralidade que a linguagem possui frente à vida, sendo plenamente constituído linguística e extralinguisticamente. Essa dupla dimensão da percepção do *ethos* pode ser constatada tanto na narração direta do sujeito acerca de si, como na carga discursiva que precede a interação e constitui o contexto de uso da linguagem e/ou nas disposições gerais do discurso, evidenciadas na interação entre o argumentador e seu auditório.

A partir de Hauser (2002) e das considerações da metalinguística bakhtiniana, pensamos que o *ethos* vem a ser interpretável, tomando em consideração o ponto de vista do auditório, de acordo com três grandes parâmetros: primeiramente, é advindo de colocações e das construções argumentativas destacadas por aquele que argumenta em relação ao

tema em questão. Segundo, é perceptível na responsividade em relação ao contexto em que circula, indo ao encontro das expectativas do auditório social a que está destinado. Por fim, antes de uma aceção em que o *ethos* se resume a traços perceptíveis no desempenho do argumentador, partimos da ideia de que este procede da maneira com que o discurso se apresenta frente a seu objetivo e, assim, é possível verificar seu papel no projeto argumentativo. Buscamos demonstrar esse percurso de análise, bem como observar a conjuntura do trajeto construído até aqui, na seção a seguir com a análise do *ethos* nos elementos paratextuais de *Em nome dos pais* (2017) de Matheus Leitão.

Em nome dos pais: o ethos de um legado

Pretendemos nesse ponto de nossa proposta de trabalho analisar o *ethos* no paratexto da obra *Em nome dos pais*. Para tanto, conforme propõem Santos e Torga (2020), partimos da premissa inicial de que a autobiografia, para além da plena identificação sugerida por Philippe Lejeune (2014) entre autor-narrador-personagem, colocada pelo pesquisador como eixo necessário para existência do gênero autobiográfico, se caracteriza como uma expressão literária de linguagem em que o sujeito estabelece um necessário diálogo consigo mesmo em diferentes estágios de acabamento do processo de vir-a-ser. Como sugere Arfuch (2010, p. 54, grifos da autora):

Efetivamente, para além do nome próprio, da coincidência 'empírica', o narrador é *outro*, diferente daquele que protagonizou o que vai narrar: como se reconhecer nessa história, assumir as faltas, se responsabilizar por essa outridade? E, ao mesmo tempo, como sustentar a permanência, o arco vivencial que vai do começo, sempre idealizado, ao presente 'testemunhado', assumindo-se sob o mesmo 'eu'?

A autobiografia se constitui, então, pela relação do que uma vez foi em um vínculo com as luzes do que agora é, perpassando as dimensões da memória, do factual, do sonho e da ficcionalização do acontecimento. No discurso autobiográfico, sobretudo, cabe uma relação de ressignificação no âmbito do gesto de produção e, de igual forma, no gesto de compreensão ativa instaurado pelos leitores/interlocutores. A estes se faz necessária uma leitura do texto autobiográfico que admita as sinuosas curvas na representação do dado vivencial, em detrimento de uma enganosa promessa de plena fidelidade ao acontecimento em relação ao relato autorreferente.

No caso de *Em nome dos pais*, temos uma obra autobiográfica em que se entremeiam a investigação jornalística e as escritas de si, para externar memórias datadas dos eventos compreendidos entre 1964 e 1985, período da Ditadura Militar brasileira. É no tom obscurecido dos eventos desse controverso momento da história nacional, que as memórias individuais dos jornalistas Míriam Leitão e Marcelo Netto oportunizam aos interlocutores um olhar para esse ponto traumático da memória coletiva.

Matheus Leitão, segundo filho do então casal, parte de um desejo de reparação a seus pais daquilo que o sofrimento e a repressão da Ditadura Militar lhes haviam imputado, e, portanto, conduz uma jornada investigativa à história do país que se inicia, para ele, na cena da transmissão familiar, em sua própria filiação. Na obra de Leitão, ademais, é evidente que a proposta por investigar as lacunas nas conversas entreouvidas e sussurradas desde criança não somente recai sobre a jornada por restituição à história de seus pais ou da coletividade nacional, mas reside sobre a descoberta de sua história, junto aos ecos traumáticos das memórias que lhe foram legadas.

O texto é composicionalmente organizado por relatos das jornadas investigativas, da empreitada na pesquisa por fontes que pudessem projetar luz sobre fatos, como a delação que causou a prisão ilegal e as torturas aos seus pais durante o período da Ditadura Militar. Nas suas três grandes seções, o jornalista e pesquisador dimensiona o enunciado em questão não só por meio da materialidade escrita como também dispõe, intercalados entre os relatos de busca, registros documentais, fotografias, desenhos, fragmentos de canções, grafites, entre outros tipos de elementos que são pistas e rastros da jornada de investigação ao passado de seus pais em meio à história do país.

Para dar prosseguimento à análise, temos por intenção demonstrar as três acepções do *ethos* construído ante o auditório social da obra de Leitão. Metodologicamente, na segmentação do *corpus*, escolhemos analisar os elementos paratextuais que constituem a obra, nomeadamente o título, a dedicatória e a apresentação. Esse recorte considera o fato de que essas seções simbolizam frequentemente os primeiros contatos do leitor com a obra, caracterizando-se por elementos em que o autor se apresenta ao leitor e destaca, normalmente, o lugar de onde fala, revelando seu projeto de dizer.

Se pensarmos inicialmente na constituição do contexto que emoldura a obra e que nos permite denotar o *ethos* prévio do narrador,

observaremos que Matheus Leitão é jornalista especializado em jornalismo investigativo, tendo conduzido muitas de suas reportagens, algumas das quais foram amplamente reconhecidas por seus pares, no âmbito do cenário político nacional. Muitas dessas reportagens envolvem direta ou indiretamente o período controverso da Ditadura Militar brasileira, ao qual o autor tem filiação em função do convívio direto com os testemunhos de seus pais, Marcelo Netto e Míriam Leitão, que foram presos e torturados nesse momento da história nacional. Leitão foi, então, atravessado por esses acontecimentos desde a infância, o que lhe motiva em sua busca por trazer à tona fatos que não somente abordem a história/memória coletiva brasileira, como a história/memória individual de seus pais e, ainda, a sua própria.

O *ethos* prévio, nesse sentido, se caracteriza como relevante suporte para dar margem ao relato empreendido por Matheus Leitão. Em primeiro plano, por sua formação e atuação profissional, instaura-se um discurso de autoridade que favorece a adesão do auditório social na constituição da dimensão argumentativa aqui analisada. Em segundo plano, sua relação pessoal com os acontecimentos abordados, ainda que não na condição de testemunha direta, acusa respaldo e propriedade em relação ao assunto a ser debatido no entorno da obra, em especial, fato que motiva a ordem autorreferente em sua narração autobiográfica.

Essa característica de pós-memória, sensível em escritos de gerações que testemunham o trauma pelos elos da filiação e dos laços transgeracionais, sugere quanto ao relato uma ideia de *atraso*, face à impossibilidade de que as experiências traumáticas fossem externadas pelas pessoas que as viveram em primeiro plano. São casos variados em que as testemunhas diretas não podem ou não conseguem dar voz às experiências vivenciadas dada a profundidade dos acontecimentos e as marcas que estes deixaram, como defende Seligmann-Silva (2000). Esse atraso evidente na partícula *pós*, de pós-memória, vem ao mesmo tempo com certo senso de urgência para uma história, até então, não ou pouco narrada e, dessa forma, outrora não ou pouco ouvida, o que projeta sobre a posição ocupada pelo narrador e seu *ethos* prévio uma noção de considerável singularidade e autoridade.

Viart e Vercier (2008) analisam esses tipos de escritos da pós-memória na França sob a caracterização do que eles chamam de *recit de filiation* ou, em português, o que se convém chamar narrativa de filiação (SANTOS, 2020). Na ótica dessa conceituação, tais obras apresentam como traço singular uma dupla dimensão da experiência pessoal com

o trauma. A primeira delas recai sobre o testemunho transmitido e sua exteriorização em tributo aos parentes de quem as experiências são herdadas. A segunda dessas dimensões gira em torno da forma com que o trauma é experimentado pelo detentor do legado. O testador efetiva um processo de reconhecimento acerca de como esse trauma influencia e constitui de forma singular a sua trajetória. Uma história cujo protagonismo não lhe pertence, mas que, em meio aos interditos e às lacunas da transmissão intergeracional, ficam evidentes as maneiras com que as vivências relatadas incidem sobre a individualidade do herdeiro que as relata.

Antes de explorar devidamente a construção do *ethos* nas seções paratextuais da obra, conforme a proposição que desenhamos a partir das teorias de Hauser (2002) juntamente com o aporte da metalinguística bakhtiniana, é necessário pensarmos a condição do auditório social a quem o enunciado, em sua dimensão argumentativa, se direciona. É preciso que destaquemos a maneira com que o contexto emoldura a situação de interação discursiva em que figuram o narrador e seu respectivo auditório social.

Primeiramente, de forma objetiva, a obra analisada é concebida como um elo dialógico entre momentos cruciais da história nacional. Por um lado, o teor da obra é representativo do período da Ditadura Militar, como já discutimos, período em que, por meio de um ato antidemocrático, instaura-se um regime ditatorial presidido por 5 diferentes militares, alternando-se de forma ilegítima no executivo pelos pouco mais de 20 anos de duração do regime. No outro lado da corda, o ano de 2017, em que a obra é publicada, se situa um ano depois do fim do processo de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff e um ano antes das históricas eleições que dividiram o país em 2018.

O ano em que a obra circula em sua primeira edição é um momento em que se prova, materialmente, como os discursos permanecem presentes e indelévels na cadeia enunciativa que integra o uso da linguagem em acepção dialógica. Durante o processo de votação e investigação que resultou no controverso *impeachment* de Dilma Rousseff, o eco de discursos da Ditadura Militar veio à tona, não somente pela forma questionável com que uma presidenta democraticamente eleita foi deposta, mas expressamente pela menção a figuras, como o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, pelo atual presidente Jair Bolsonaro (então deputado federal) e seus apoiadores. “Dr. Tibiriçá”, como Ustra era conhecido entre seus colaboradores e vítimas, foi o primeiro militar

a ser condenado por crimes de tortura cometidos no período da Ditadura Militar, algo que a obra de Leitão aborda, dado ao envolvimento do jornalista na temática e diretamente pela entrevista cedida a Matheus Leitão por Ustra em 2008, mesmo ano de seu julgamento e condenação.

Em nome dos pais é obra concebida na baila de um discurso de resistência que entrelaça dois pontos cronologicamente distintos de uma cultura, nos quais é contundente a insurgência de um discurso antidemocrático que compartilham as mesmas raízes fundantes. O projeto de dizer que constitui o discurso autobiográfico na referida obra é, nesse sentido, uma resposta direta à conjuntura em que se interconectam, em um extremo, o discurso antidemocrático vigente no período de 1964 a 1985 quando da Ditadura Militar brasileira, e, em outro extremo, os ecos desse mesmo discurso antidemocrático, que, de forma recorrente, se difunde na atmosfera das relações sociais no Brasil que viria a ser governado pelo presidente Jair Bolsonaro.

Na concepção desse contexto extralinguístico e com base nas seções paratextuais que serão analisadas, o auditório a quem se endereça o enunciado concreto produzido por Leitão é, como dito pelo narrador, a comunidade brasileira; em um estrato, a geração de seus pais, aqueles que cresceram e conviveram mais diretamente com as consequências dos eventos traumáticos que o relato descreve; em um segundo estrato, a geração presente, que necessita tomar parte dessa versão dos fatos, a qual projeta outra perspectiva sobre um momento que muitos jovens conhecem com pouca clareza, em meio às interdições e à falta de versões mais coerentes com a materialidade dos acontecimentos; e, por último, em um terceiro estrato, identificamos a geração futura, cujo acesso a esse enunciado perpetua uma necessidade de que os ecos dessas experiências mantenham-se vivos como alertas para que os traumas do passado não voltem a se repetir.

Voltando-nos agora à construção do *ethos*, o título *Em nome dos pais* já traz os ecos da reputação, do *ethos* prévio do narrador, convocando algumas prerrogativas para as relações de sentido estabelecidas na leitura da obra e que começam a dar espaço para pensarmos a construção de seu *ethos* discursivo. Pelo uso da expressão “em nome de”, temos margem para pensar, por um lado, o direito de falar que não foi legitimado a alguém, sendo necessário que outro o representasse e falasse em seu nome. Quando somado ao termo “pais”, enfatiza-se a condição de Leitão como detentor de um legado familiar, um dever de ecoar a voz de seus pais, os quais não conseguiram ou não puderam ser

autores de sua própria elocução. Dessa forma, o envolvimento pessoal do narrador, anteriormente constatado na construção do *ethos* prévio, é reiterado na construção do *ethos* discursivo instaurado pelo título da obra, o qual evidencia a condição de Leitão enquanto herdeiro das vivências de seus pais, lhe conferindo credibilidade para aquilo que ele se propõe a empreender na dimensão argumentativa de sua narração.

Quando nos debruçamos sobre a dedicatória, vemos que outras características da dimensão argumentativa em *Em nome dos pais* são exploradas.

Dedicatória
Para Marcelo e Míriam. Para a geração de meus pais.

Na primeira frase, vemos a condição de legado e herdeiro vista no *ethos* discursivo construído no título sendo explorada, no entanto, quando o narrador faz uso dos primeiros nomes de seus pais em vez do termo já utilizado “pais”, é possível inferir que Leitão tira a figura de Marcelo e Míriam da condição íntima que o termo “pais” congrega e os insere num nível de pessoalidade diferente, que sugere sua condição enquanto indivíduos e os torna mais próximos e relacionáveis ante ao auditório social a quem se endereça a obra. Na segunda frase, esse legado do qual Matheus Leitão é herdeiro se amplia e ele se coloca numa condição de representante de toda uma geração da história nacional, a geração que testemunhou diretamente o período da Ditadura Militar brasileira. Essa ampliação de sua condição de herdeiro parece efetivar no seu destinatário uma expectativa maior ante a credibilidade daquilo que ele se propõe a relatar, uma vez que o relato é de interesse de um contingente significativo da população brasileira.

Direcionando-nos para a apresentação, trataremos de observar alguns segmentos em que o *ethos* discursivo do narrador confirma ou refuta a relação constituída até esse ponto da análise, com especial destaque à terceira categoria de observação do *ethos*, aquela em que o autor tematiza a si próprio e suas características no que concerne à eficácia de sua argumentação.

Apresentação, p. 13
Este livro é o resultado de uma interminável espera, de uma busca insistente e de uma difícil viagem ao passado dos meus pais e do Brasil.

Leitão inicia a apresentação de seu livro destacando ao seu destinatário o motivo de sua narração, apresentado aqui através do uso das figuras evocadas nos termos “busca insistente” e “difícil viagem” como uma tarefa árdua e dolorosa que, associada ao “passado dos meus pais e do Brasil”, sugere uma incursão sob a qual repousa um certo peso, possíveis interdições e obstáculos que tornariam a busca “insistente” e a viagem “difícil”. A “interminável espera” da qual o livro é resultado mais uma vez aduz ao legado do qual o narrador se apresenta como portador, um período que sugere uma condição de passividade sustentada pelo termo “espera” que não é só de seus pais, mas é de toda uma geração, como descrito na dedicatória.

Nesse excerto, presenciamos através dessa menção à espera uma das evidências levantadas anteriormente em relação aos escritos de pós memória e às narrativas de filiação, caso de *Em nome dos pais*: o senso de atraso e de considerável urgência para externar experiências que não puderam ser ouvidas anteriormente. Esse teor de rompimento com o antes interdito torna mais complexo o empreendimento narrativo do qual a obra de Leitão é resultante e aprofunda sua condição como testador de seus pais e de toda sua geração.

Em olhar reiterativo às características da narrativa de filiação, observamos também o termo “busca” mencionado no trecho anterior estabelecendo uma relação com um desejo de reparação daquilo que se perdeu. Tal desejo, que motiva a viagem ao passado de seus pais e do país, é característico da imagem de si construída pelo narrador nos excertos analisados, enfatizando seu gesto como tributário dessa reparação ao que se perdeu na história familiar e na história brasileira.

Apresentação, p. 13

O fio condutor compreende o meu entendimento da prisão e da tortura sofridas por meus pais, a angústia que isso me provocou, a procura por documentos oficiais e a investigação, até encontrar aquele que os delatou aos militares. Narro também a visita que fiz a um dos locais em que meu pai esteve preso, na mesma época que minha mãe, e a árdua peregrinação atrás dos torturadores, a mais sofrida e fatigante. Por isto este livro está em primeira pessoa. É o relato da minha procura.

Aqui o *ethos* discursivo do narrador é construído de forma a respaldar sua argumentação pelo suporte que a singularidade da visão individual do discurso autobiográfico confere. O *ethos* discursivo, então, alça ao terceiro nível de categorização quando Leitão destaca com o auxílio da adjetivação em referência a “angústia que isso me provocou”, “a árdua peregrinação” e “a mais sofrida e fatigante”, a condição de sua figura enquanto portador deste árduo legado.

Nesse trecho, o *ethos* se encaminha por denotar a visão do narrador como única e privilegiada, sendo a relação de parentesco com testemunhas diretas dos eventos relatados, a razão que não só justifica o relato autobiográfico, como também o valida e o torna único. Corroborada pela noção de superação que envolve a busca e investigação por esse tortuoso momento da história de sua família, a imagem discursiva emoldurada pelo *ethos* de Leitão, explora, na dimensão da narrativa de filiação, a posição do herdeiro em meio às consequências das vivências traumáticas vivenciadas pelos pais enquanto testemunhas diretas.

“É o relato da minha procura” sintetiza a apropriação pessoal de Matheus Leitão em face da memória familiar e da memória coletiva, às quais ele se vincula e se apresenta como testador e reparador das lacunas que o passado traumático dos eventos da Ditadura Militar deixou. O *ethos* do narrador, aqui, antecipa no auditório social a maneira com que a carga vivencial em seu relato é abordada, tangenciando em primeiro plano o tributo a Míriam e Marcelo e, em acréscimo, à coletividade da nação brasileira. Em segundo plano, para além dos relatos de histórias com as quais Matheus Leitão conviveu pelo laço da transmissão intergeracional, soma-se a maneira com que o próprio narrador se situa em relação a estas vivências que não lhe pertencem, mas que significativamente marcam o curso de sua trajetória.

Apresentação, p. 15

Apesar de ser um nascido quando tudo isso se passou, o reencontro com o passado ocorreu num presente em que tenho filhos, aos quais quero contar a história da geração dos seus avós. Escrevo para que meus filhos não se esqueçam da luta dos meus pais. Tento ser esse elo no tempo para que ela nunca se perca.

Nesse último trecho destacado, as características pessoais do narrador são diretamente mencionadas pela sua relação enquanto efetivas estratégias argumentativas para corroborar o projeto argumentativo a se desenrolar no curso da obra. Como destacado nas análises anteriores, Matheus Leitão enfatiza a transmissão intergeracional como chave para a viabilidade desse relato, evidenciando que sua condição como *não nascido* é justamente um traço de singularidade de seu dizer. Nesse ponto é mais uma vez perceptível a ideia de que Leitão, enquanto herdeiro que traz à tona o legado partilhado por seus pais e pela população brasileira, tem respaldo para empreender a argumentação desenvolvida na obra autobiográfica em questão.

A necessidade de transmissão desse legado se complexifica e se acentua quando Leitão enfatiza sua condição como pai. Nesse estágio a posição do narrador alça um nível de pessoalidade diferente para transmissão de seu legado, um legado da geração de seus pais que lhe é dever transmitir agora não somente à sua geração, mas também às gerações futuras, de seus filhos e netos. Aqui é a tematização pessoal que assegura ao *ethos* discursivo uma ideia ampliada do legado do qual o narrador é portador, herança que nesse ponto entrecruza o passado (pais, geração dos meus pais), o presente (minha procura) e o futuro (elo no tempo para que a luta nunca se perca).

Considerações finais

No diálogo teórico-metodológico apresentado, pudemos aprofundar nossa percepção sobre a dimensão argumentativa do gênero autobiografia, com enfoque para o *ethos* do narrador em suas diferentes percepções e perspectivas. A partir das diferentes teorias em contato, destacamos o *ethos* na linguagem em uma orientação social, funcionando como relevante estratégia argumentativa para dar respaldo ao projeto de dizer do narrador frente ao seu auditório social.

No que condiz com o paratexto de *Em nome dos pais*, ainda que o corpus seja limitado em face do espaço de discussão deste artigo, ressaltamos que a natureza do recorte e a articulação teórico-metodológica empreendida são compatíveis diante dos objetivos desta proposta. Visamos, então, contribuir com trabalhos futuros que se debrucem em torno da construção do *ethos* e/ou de outros aspectos da dimensão argumentativa, seja na obra autobiográfica em questão ou mesmo em outros enunciados concretos.

Com essas considerações em vista, percebemos que a condição do narrador enquanto portador de um legado se alinha desde o *ethos* prévio, intermediando o *ethos* discursivo e culminando com a vertente em que o narrador mobiliza uma referência às suas próprias características. O *ethos* de Matheus Leitão nos elementos paratextuais analisados tende a promover no auditório uma expectativa de adesão quanto à finalidade de seu projeto de dizer na dimensão argumentativa do gênero discursivo autobiografia. Quando situada no âmbito das escritas da pós-memória dos eventos compreendidos no período da Ditadura Militar brasileira, esse projeto argumentativo chancela a partilha de um legado frente às gerações futuras de uma comunidade cultural que não

pode se reconciliar com o passado pelo simples esquecimento. O *ethos* de Matheus Leitão no paratexto de *Em nome dos pais* e o legado que ele encerra pode ser representativo de um elo de transitividade entre a literatura e a realidade, uma importante marca do dever ético que o fazer estético também assume. É fazer narrar aquilo que é inenarrável e romper com o silêncio para que os ecos de um passado não tão distante funcionem como alertas de um presente que não queremos viver.

Referências

AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. Tradução de Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2019.

ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.

BAJTIN, M. Hacia una filosofía del acto ético. In: BAJTIN, M. **Hacia una filosofía del acto ético** – De los borradores y otros escritos. Traducción de Tatiana Bubnova. Comentarios de I. Zavala y A. Ponzio. San Juan: Universidad de Puerto Rico/Anthropos, 1997, p. 63-81.

BAKHTIN, M. Reformulação do livro sobre Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 337-358.

BAKHTIN, M. (2003) O autor e o herói. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes. p. 3-90.

BAKHTIN, M. O discurso em Dostoiévski. In: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015, p. 207-234.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

HAUSER, G. A. **Introduction to Rhetorical Theory**. Illinois: Waveland Press Inc, 2002.

LEITÃO, M. **Em nome dos pais**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a Nova Retórica**. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PLANTIN, C. **A argumentação: história, teorias, perspectivas**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

SANTOS, Y. A. B.; TORGA, V. L. M. **Autobiografia e (res) significação**. *Bakhtiniana*, v. 15, p. 119-140, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457342467>. Acesso em 14 set 2020.

SANTOS, Y. A. B. **Em nome dos pais**: A narrativa de filiação na literatura brasileira contemporânea. *Macabéa* – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 9., n. 2., 2020, p. 33-50. DOI: <https://doi.org/10.47295/mren.v9i2.2258>. Acesso em 14 set 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio et. al. **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.

VIART, D.; VERCIER, B. **La littérature française au présent**. Héritage, modernité, mutations. 2e édition augmentée. Paris: Boras, 2008.

VOLÓCHINOV, V. (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.